

Discussão sobre o regimento expõe divergências pemedebistas

por Cecília Pires
de Brasília

O adiamento da votação do regimento interno da Constituinte dividiu os partidos, mostrou as divergências dos vários grupos que se abrigam na sigla do PMDB e mostrou que até agora nenhum grupo detém a hegemonia no Congresso constituinte, nem mesmo o partido majoritário. O dispositivo que trata da soberania, pólo de discórdia entre os congressistas, serviu para dar ao presidente Sarney um pequeno "flash" do embate de forças, mostrando ao governo com quem ele pode ou não contar para aprovar suas propostas.

Essa análise é compartilhada por fonte credenciada do Palácio do Planalto e pelo próprio líder do governo no Congresso, Carlos Sant'Anna. A diferença entre as visões dessas duas fontes é que Sant'Anna acredita ter retirado do plenário uma importante parcela do PMDB, a da ala moderada, da qual faz parte. Ele aposta, a partir deste fato, que por essa fatia do PMDB terão de passar todas as negociações em torno das propostas apresentadas à Constituinte.

O presidente não está tranqüilo quanto ao grau de solidariedade que pode obter para seu governo, na versão da fonte palaciana. E é por isso que ele assiste a distância as divergências internas do próprio PMDB, mas procura respaldo junto a outros partidos, delegando ao líder Carlos Sant'Anna a função informal de agregar os desgarrados dos partidos, as siglas indispostas com o PMDB, tentando ampliar sua base de apoio. É especialmente que o presidente atua, agora, para um acordo que afaste a tese da soberania do regimento da Constituinte, segundo a mesma fonte.

A divisão de forças que levou ao adiamento estabeleceu dois blocos distintos de atuação na Constituinte, pelo menos neste momento. Um deles, formado pe-

los progressistas do PMDB, pequenos partidos, como PDT e PT, pequena parte do PDS e do PTB e as lideranças que agem ao lado do deputado Ulysses Guimarães, como o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, e o líder na Câmara, Luiz Henrique. E para essa composição de forças que o Palácio do Planalto vai voltar sua atenção para evitar surpresas em votações, especialmente pela união dos progressistas do PMDB com o PDT e o PT.

De outro lado, configurou-se um quadro de grupos e partidos que

podem constituir o germe do "bloco do Sarney", constituído pelo PFL, PDS, PTB e moderados do PMDB. O embate entre os dois grupos, que continuam negociando nas próximas horas, foi entendido como um confronto entre as forças dispostas a acatar a vontade do Palácio do Planalto e as posições mais avançadas do PMDB, que tentam sobrepor a Constituinte aos interesses do governo, segundo fonte credenciada do governo.

"Nenhum de nós estaria votando contra ou a favor do presidente Sarney", discordou o deputado Antonio

Britto (PMDB-RS), do grupo pró-soberania. "O que está em questão é uma matéria interna da Constituinte. Ninguém vai conseguir colocar o PMDB em confronto com Sarney. O PMDB tem o compromisso de dar respaldo ao governo", disse. Britto advertiu, no entanto, que "não haverá sustentação ao governo sem o apoio do PMDB".

O líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, ponderou que, para agir monoliticamente, o PMDB precisará promover negociações e acordos entre suas próprias correntes.